

boletim

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE XADREZ

QUINAS CLUBE DE DESPORTOS
SECÇÃO FILATÉLICA



R. S. João Baptista de Ajudá, 3ª -/c Esq.
BARREIRO

Nº 1
15 DE MAIO DE 1976

Coordenadores:
Dagoberto Markl e José Oliveira

Federação Portuguesa de Xadrez,
Rua da Sociedade Farmacêutica, 56-2º
Tels.: 53 90 27/8, Lisboa-1 Portugal

Distribuição gratuita

Sumário

De Desporto Novo, 2
Movimento Nacional do Xadrez, 3
Apoio a grupos de xadrez, 4
Torneio Juvenil da Páscoa, 4
Campeonato Individual de Lisboa, 5
Programa da Direcção da A.X. Porto, 7
Xadrez por correspondência, 9
À passagem, 12
Torneios anunciados, 13
Partida comentada, 14
Teste, 15
Problemas, 17

Nota de abertura

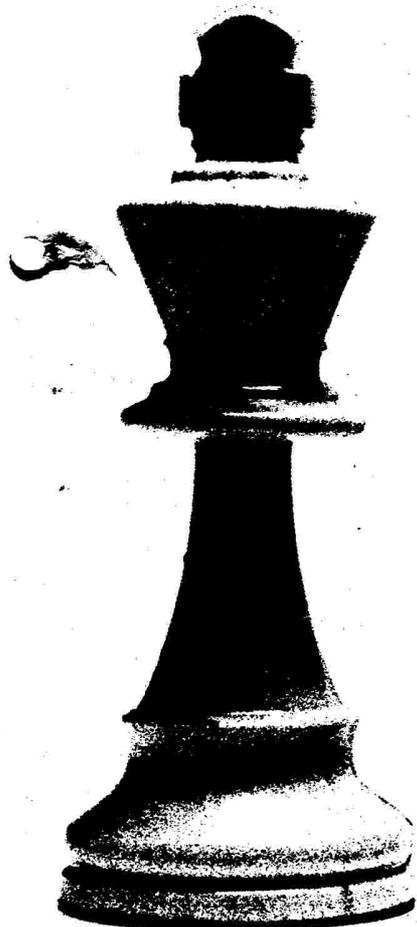
Inicia-se com o presente Boletim da F.P.X. mais um esforço no sentido de fazer viver em Portugal uma publicação dedicada exclusivamente ao Xadrez.

Das tentativas anteriores, que várias gerações de xadrezistas levaram a efeito, apenas podemos considerar com êxito a que deu vida à prestigiosa Revista Portuguesa de Xadrez, que, apesar disso, morreu de inanição há já algumas dezenas de anos.

Isto, só por si, justificaria a nossa adesão ao consenso geral de que o nosso país e a literatura xadrezística não foram o que se chama "talhados um para o outro" e o conseqüente negativismo do "não há nada a fazer". Ora quando não há nada a fazer nada se faz. E muito menos Boletins.

Mas, porque empenhados numa obra de modificação das estruturas do xadrez

13311



nacional e porque acreditamos nos frutos dessa obra, supomos criadas as condições de que as tentativas anteriores não beneficiaram.

Além de que a modificação da mentalidade desportiva veio criar um clima de saudável desejo de participação que anteriormente não existia.

Daí o nosso optimismo.

Por outro lado é de todos conhecida a pobreza da nossa imprensa no que se refere a secções da modalidade: noticiário e reportagem quase nulos, interesse xadrezístico igual a zero e valor didáctico inferior a isso. Ora, como o trabalho de expansão já referido não pode prescindir da imprensa, impôs-se-nos a tarefa de a criarmos à medida das nossas necessidades.

Acresce ainda que uma das causas da fraca implantação do xadrez em Portugal é, a nosso ver, mais do que a escassez de xadrezistas, o divórcio entre os vários elos da cadeia estrutural jogadores-Grupos-Associações-Federação. O Boletim da F.P.X. será, se todos o quisermos, o elemento de ligação que, promovendo o associativismo e convidando à conjugação de esforços, possibilitará a tão desejada expansão do jogo.

Repetimos, SE TODOS O QUISERMOS: nós com a continuação do trabalho; vós com a crítica e as sugestões que de leitores passivos vos transformarão em activos colaboradores. Isso fará da nossa publicação uma obra de todos, e permitirá a um Boletim despretensioso não só sobreviver, mas, talvez num futuro próximo, transformar-se numa categorizada revista.

Poderá esta nossa ambição nunca se concretizar. Poderá o Boletim nunca passar de um mau Boletim. Mas fizemo-lo. E restar-nos-á a satisfação de que o querer fazer bem feito não nos serviu de desculpa para não fazer nada.

De Desporto Novo,

ÓRGÃO INFORMATIVO DA
DIRECÇÃO-GERAL DOS DESPORTOS

Direito ao Desporto

Pensaram-nos tecnocratas ou criticam-nos tecnocraticamente?

Apesar de tudo (entre erros cometidos, inexperiências e... tentativas de boicote), foi evidente neste País a transfiguração sofrida pela sua realidade desportiva, ante e post revolução democrática.

Na base dessa transformação levada a cabo pela D.G.D., uma política de acção assente nos seus dois pilares fundamentais:

- Desporto, meio de intervenção social democratizador.

- Democratização do desporto.

Desporto ao serviço da revolução democrática portuguesa, desporto veículo de concepções sociais progressistas no âmbito da participação e responsabilização popular, da intervenção social em sectores básicos como sejam a higiene, saúde, etc.

Democratização do desporto entendida não como aquela imagem formal e pequeno burguesa de uma prática ao alcance de todos (como se à partida todos estivessem em iguais condições sociais para o alcançar?!), mas sim claramente dirigida às classes desfavorecidas, aqueles para quem, apesar de tudo, a decorrente situação democrática que o país ainda vive não bastou para lhes criar as condições próprias para tal.

Neste nosso caminhar já longo, de meses, de anos, podemos dizê-lo até, desde Setembro de 1974, cada vez mais evidente se tem tornado para todos os cidadãos deste país a força de intervenção social que constitui este "nosso" processo desportivo.

Quantas dúvidas e óbices se desfizeram no tempo.

Apontaram-nos como obstáculo maior o facto de o nosso sector não ser prio

ritário face às tremendas carências e insuficiências socio-económico-culturais da sociedade portuguesa.

Ficou-nos a dúvida:

- Pensaram-nos tecnocratas ou criticam-nos tecnocraticamente?

É que, de facto, quando avançámos, não eram só (ainda que também...) os praticantes próximos (ou futuros...) os quadros desportivos a curto ou a médio prazo, as instalações, o apetrechamento desportivo, que nos davam aquela força e aquela persistência.

Como custou (e não foi possível conseguí-lo para alguns, pelos vistos) entenderem-nos...

que nós sabíamos o quanto um núcleo local de prática desportiva, entendido como o motivo de reuniões de âmbito comunitário, a arrancada para a construção de um pequeno recinto desportivo, a contribuição da mão-de-obra voluntária aplicada no tempo livre, a mobilização popular para uma participação na obra que se pretendia colectiva, o entender pela prática que aquela conquista era a vitória, era o lançamento das bases do entendimento de que todo o cidadão deve ter Direito a...

Após alcançados tais objectivos viria, ou não, a prática desportiva de facto, imediatamente a seguir.

E a maioria das vezes até veio.

Mas, meus senhores, nem só isso nos preocupava.

Apontam-nos agora que desperdiçámos dinheiro, que é baixa a rentabilidade dos dinheiros empregues, do esforço desenvolvido.

Pensaram-nos tecnocratas ou criticam-nos tecnocraticamente?

Quantos animadores desportivos "viraram" agentes comunitários de índole progressista?

Quantas comissões concelhias ou de freguesia "viraram" comissão de melhoramentos ou de moradores?

Quantos hábitos de higiene pública foram pela primeira vez iniciados através da prática desportiva?

Quanta mobilização popular foi conseguida, a todos os níveis, pela campanha de desenvolvimento desportivo encetada pela D.G.D.?

E apesar de tudo quantos milhares de crianças pertencentes às classes desfavorecidas deste país encetaram pela primeira vez os seus passos no inegável Direito ao Desporto que lhes pertence?

Desde quando é que milhares de crianças subalimentadas, mal vestidas e calçadas, pelo facto de pertencerem às classes desfavorecidas deste País POR ESSE ÚNICO FACTO NÃO TÊM DIREITO AO DESPORTO?

Então num país em que grassa a desigualdade social, há que agravá-la ainda mais no que se refere à juventude desfavorecida, impedindo-lhe o DIREITO À CULTURA porque em paralelo essa juventude é subalimentada, não tem que vestir, não tem que calçar?

Pensaram-nos tecnocratas ou criticam-nos tecnocraticamente?

(Da introdução ao artigo Regionalização Desportiva, de JORGE ARAÚJO, D. N. de 9/4/76)

Movimento Nacional do Xadrez

Através da Direcção-Geral dos Desportos e do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, e com a colaboração da Federação Portuguesa de Xadrez, vai a Secretaria de Estado dos Desportos e Juventude estruturar e lançar, a nível do país, o Movimento Nacional do Xadrez.

O M.N.X. aponta para a criação de um núcleo no maior número possível de escolas primárias, preparatórias e secundárias, e dinamização dos núcleos já existentes, objectivos a atingir fundamentalmente por meio de um vasto programa de distribuição de jogos e literatura diversa e da realização de acções de formação de animadores.

Apoio a grupos de xadrez

O apoio a fornecer pela Federação Portuguesa de Xadrez a clubes desportivos e outras formas de associativismo desportivo que pratiquem ou desejem praticar xadrez situa-se no campo da formação de quadros, organização de acções a desenvolver e cedência de material e elementos documentais.

Pretende-se que o apoio a dar seja uma resposta a motivações que espontaneamente tenham surgido em determinados núcleos (todas as semanas chegam à F.P.X. e às Associações, em quantidades cada vez maiores, pedidos de material e de documentação) e também às que resultem de acções que a Federação tenha desencadeado.

Para aperfeiçoar e completar esse apoio está a F.P.X. a promover, a nível nacional, um inquérito às condições, necessidades e possibilidades dos núcleos interessados.

De entre as possibilidades referidas resulta extremamente importante a existência no núcleo de um ou mais animadores: de facto, só quando houver, além do material de xadrez, quadros humanos competentes e militantes um núcleo terá condições de vida que lhe permitam divulgar a modalidade. Para o efeito está a Direcção-Geral dos Desportos, em colaboração com a F.P.X., a levar a efeito acções de formação de animadores.

São condições para a concessão de apoio material e documental: que o núcleo se responsabilize pela continuidade da sua acção nos moldes em que esta justifica o apoio prestado; que o núcleo garanta a extensão da sua actividade por meio da mobilização crescente de praticantes; que a prática do xadrez através do núcleo represente para o jogador encargos nulos ou pelo menos acessíveis; que o núcleo colabore, dentro das suas possibilidades, em acções dirigidas à comunidade a realizar pela Federação ou Associações.

A todos os grupos de xadrez que so-

licitem apoio para a sua actividade e estejam nas condições acima referidas serão emprestados por tempo ilimitado, directamente pela Federação ou através da Associação de Xadrez do respectivo distrito, quatro jogos e quatro tabuleiros, podendo este número ser aumentado em função do número de jogadores que o núcleo movimentar e da dinâmica que imprimir à sua actividade normal.

Por outro lado, a todos os grupos será fornecido apoio documental básico - regras do jogo, regulamentos, metodologia do ensino de xadrez, conselhos sobre dinamização do núcleo, etc.

Torneio Juvenil da Páscoa

Realizou-se em Viana do Castelo mais um Torneio Juvenil da Páscoa. Ao contrário do que sucedeu em edições anteriores, em que participaram alguns juniores estrangeiros, este ano o Viana Taurino Clube convidou unicamente jogadores portugueses: quatro da A.X. Braga, dois da A.X. Porto, um da A.X. Coimbra e um da A.X. Lisboa.

Foi a seguinte a classificação da prova, que, entre as das suas características, é, sem dúvida, uma das mais fortes do calendário nacional:

1º, Sílvio Santos, 5½ pontos; 2º, Firmino Silva, 5; 3º, Fernando Fernandes, 4½; 4º, Pedro Palhares, 4; 5º, Manuel Oliveira, 4; 6º, António Fernandes, 4; 7º, Jorge Nuno, 1; 8º, Henrique Pereira, 0.

Sílvio Santos, o vencedor, tem vindo a conseguir sucessivos êxitos nas provas que ultimamente disputou, nomeadamente no Campeonato de Portugal de 1975, em que se classificou em 5º lugar.

É nota saliente o extraordinário equilíbrio verificado entre os seis primeiros classificados deste Torneio Juvenil, que obtiveram todos mais de 50% dos pontos possíveis.

Campeonato Individual de Lisboa

Acabou de realizar-se a fase preliminar do Campeonato Individual da Associação de Xadrez de Lisboa, em que participaram mais de três centenas de jogadores.

Esta fase disputou-se, em cada Clube, num ou mais grupos de apuramento, ficando 40% dos participantes com direito a jogarem a final, um torneio suíço de nove sessões, que terá lugar nos próximos dias.

Referem-se seguidamente as classificações e outros dados de que tivemos conhecimento.

G. X. Alekhine

Série A:

1º, Mário F. Santos, 7 pontos; 2º, Edward Kowalski, 6; 3º, F. Canellas da Silva, 4½; 4º, A. Pinto Soares, 4½; 5º, Álvaro B. Rosa, 3; 6º, Amadeu S. Santos, 2; 7º, A. Burnay Bastos, ½; 8º, Manuel Perneco, ½.

Série B:

1º, Joaquim Durão, 16; 2º, José Costa, 14; 3º, José Inácio Durão, 13½; 4º, Luis Mendes, 12½; 5º, João Costa, 12; 6º, Luís Costa, 12; 7º, Vítor Rodrigues, 9; 8º, Vítor Pinto, 8; 9º, Ana Maria Durão, 8; 10º, Paulo Azevedo, 7; 11º, António Azevedo, 7; 12º, Joaquim Rodrigues, 6; 13º, J. Miguel Durão, 4; 14º, Eduardo Oliveira, 3; 15º, Luís Azevedo, 3; 16º, Filipe Oliveira, 1; 17º, José Helfrich, 0.

C.A. Alvalade

Série A:

1º, António P. Santos, 6; 2º, António Baptista, 5; 3º, Simões Nunes, 4; 4º, Sobreda Antunes, 3; 5º, Luis Geraldés, 2; 6º, Feldman da Silva, 1; 7º, Leonor Pires, 0.

Série B:

1º, João Assunção, 7; 2º, Michael

Diamond, 6½; 3º, Horácio Neto, 5½; 4º, José Oliveira, 4½; 5º, Oliveira Santos, 4½; 6º, José Meneses, 4; 7º, Venâncio Nunes, 3; 8º, José Bernardo, 1; 9º, Pedro Coelho, 0.

Série C:

1º, Renato Figueiredo, 5½; 2º, António Carretas, 5½; 3º, Manuel Serra, 5; 4º, José P. Santos, 4; 5º, Fernando Ferreira, 3; 6º, José Cabral, 2; 7º, Luís Henriques, 2; 8º, Jorge Alexandre, 1.

Partida nº 1

ANTº P. SANTOS - SOBREDÁ ANTUNES 1:0
Lisboa, 1976

Defesa Gruenfeld

1. d4 Cf6, 2. e4 g6, 3. Cc3 d5, 4. Cf3

(4. cxd5 Cxd5, 5. e4)

4. ... Bg7, 5. Db3 dxc4, 6. Dxc4 0-0, 7. e4 Ca6

(outras possibilidades: 7. ... a6!?, 7. ... Cfd7 e 7. ... Bg4)

8. Be2 c5, 9. d5 e6, 10. 0-0 exd5, 11. exd5 Bf5

(11. ... Da4, 12. a3 Bf4, 13. Dh4 Tfe8, 14. Bh6 Ce4, 15. Bxg7 Rxc7, 16. Cg5 e as brancas estão melhor, Smislov-Florian, 1949; 11. ... Db6, 12. Bf4! e as brancas estão melhor; 11. ... Ce8, 12. Bg5! e as brancas estão melhor; 11. ... Te8!?)

12. Bg5

(12. a3 com jogo igual; 12. Bf4!)

12. ... Te8

(12. ... Db6, 13. Dh4! Cd7, 14. Ca4 Db4, 15. a3 Dxc4, 16. Cxh4 e as brancas estão um pouco melhor; se 13. ... Ce8, 14. Ca4 e Be7, e se 13. ... Cg4, 14. Be7 Te8, 15. Bb5 e as brancas têm melhor jogo em ambas as variantes; 12. ... h6, 13. Bf4 e as brancas estão um pouco melhor)

13. Dh4 Dd6, 14. Bb5 Bd7, 15. Tad1

(se 15. Bxd7, as brancas têm jogo um pouco superior)

15. ... Cc7?!

(15. ... Bxb5, 16. Cxb5 Db6, 17. Cc3 com jogo confuso)

16. Bf4! Db6, 17. Bxd7 Cxd7, 18. d6!
Ce6, 19. Cd5 Dd8

(19. ... Dxb2, 20. Tbl! Dxa2, 21.
Ce7+ Rh8, 22. Txb7 e as brancas es-
tão melhor)

20. Ce7+ Rh8, 21. Tfel

(Com a ideia de 22. Txe6 e 23. Cg5
com vantagem decisiva das brancas)

21. ... Cxf4??

(21. ... Bf6, 22. Cg5 e as brancas
têm melhor jogo)

22. Cg5 ab.

A. A. Amadora

1º, Flamino Azedo, 10½; 2º, Jorge
Morgado, 10; 3º, Luciano de Almeida,
9½; 4º, Fernando Carvalho, 9; 5º,
Júlio Flores, 8½; 6º, Rui Ribeiro,
6½; 7º, R. Fuschini, 6; 8º, João
Morgado, 4½; 9º, José Farraia, 4;
10º, Isac Santos, 3½; 11º, Sérgio
Missa, 2; 12º, José Fernandes, 2;
13º, Alexandre Reis, 2.

O torneio foi dominado desde o prin-
cípio por Flamino Azedo, que, depois
de uma quebra durante a época passa-
da, está em franca subida de forma.
Jorge Morgado e Fernando Carvalho
continuam a demonstrar o primeiro a
sua aplicação e vontade de vencer em
cada jogo que passa, e o segundo que
poderá melhorar ainda mais desde que
deixe de contar só com a intuição.
Luciano de Almeida jogou apenas para
o apuramento, não se tendo verdadei-
ramente esforçado para vencer o tor-
neio. Júlio Flores fez um jogo mais
seguro do que lhe é habitual, preci-
sando contudo de melhorar no meio-
jogo. Quanto a Rui Ribeiro, ausente
há mais de um ano de provas de xa-
drez, dir-se-á que mostrou falta de
tabuleiro.

Partida nº 2

FLAMINO AZEDO - JORGE MORGADO 1:0

Amadora, 1976

Defesa francesa

1. e4 e6, 2. d4 d5, 3. Cc3 Bb4, 4.
d5 c5, 5. a3 Bxc3, 6. bxc3 Ce7, 7.
Dg4 Cbc6

(Normal é 7. ... cxd4)

8. Cf3 Dc7

(8. ... 0-0, 9. Bd3 f5, 10. exf6
Txf6, 11. Bg5 Tf7, 12. Dh4 h6, 13.
Bd2 c4, 14. Be2 Da5, 15. Ce5 Cxe5,
16. dxe5 e as brancas estão um pouco
melhor, Smith-Sokolki, IV Campeon-
ato Mundial de Xadrez por Corres-
pondência)

9. Bb5 Bd7, 10. 0-0 0-0-0!?, 11. Cg5
Tdf8, 12. Tbl h6, 13. Cf3 g5, 14. h4
c4, 15. hxg5 hxg5, 16. Bxc6 Bxc6,
17. Cxg5 f5, 18. De2 Cg6, 19. g3 f4,
20. Dg4 Tf5, 21. Rg2 Cxe5, 22. Dxf4!
Txf4, 23. Bxf4 De7, 24. Bxe5 Th5,
25. f4 Dxa3, 26. g4 Th4?, 27. Rg3
Th6, 28. Tf3 a5, 29. Cf7 Th7, 30.
Cd6+ Rd8, 31. g5 Da2, 32. g6 Dxb1,
33. gxh7 Dgl+, 34. Rh4 Dh2+, 35. Th3
Df2+, 36. Rg3 De2+, 37. Tf3 Dg2+,
38. Tg3 De2+, 39. Rg5 Be8, 40. h8=D
ab.

C.F. Belenenses

Série A:

1º, Renato Vasconcelos Jr., 6; 2º,
Fernando Sequeira, 4; 3º, Carlos
Possolo, 3½; 4º, Beja Neves, 3; 5º,
José de Almeida, 1½; 6º, José Bap-
tista, 1½; 7º, Manuel Matias, ½.

Série B:

1º, Fernando Sequeira Jr., 5½; 2º,
Luís B. Santos, 5; 3º, Tomás de Al-
meida, 4; 4º, Helder Gonçalves, 3;
5º, Luís Lima, 2½; 6º, Rui B. San-
tos, 1; 7º, Joaquim Braga, 0.

Série C:

1º, João Sequeira, 4; 2º, Altino
Costa, 2½; 3º, Carlos Moysan, 2;
4º, José Lopes, 1; 5º, Ricardo Car-
doso, ½.

G. S. Carcavelos

Série A:

1º, Eduardo Vasconcelos, 6½; 2º,
José Arrabaça, 5½; 3º, João Luís,
5½; 4º, António Samuel, 3½; 5º,
Antonio Amaral, 2½; 6º, Antonio Vi-
lela, 2½; 7º, Armando Figueiredo,
2; 8º, José Faustino, ½.

Série B:

1º, Bruno Schiappa, 6; 2º, Pedro Pei

xoto, 6; 3º, Joaquim Silva, 5; 4º, Paulo Rola, 3; 5º, José Eduardo, 3; 6º, António Espada, 3; 7º, Vítor P. Santos, 2; 8º, João Duarte, 1.

G. X. O Clube

1º, Rafael Sacramento, 8; 2º, Vítor Lopes, 4; 3º, Romana Santos, 0.

Sporting C. P.

Série A:

1º, Guilherme Rosa, 7; 2º, Luís Santos, 7; 3º, Bruto da Costa, 4½; 4º, José Salgado, 4½; 5º, António J. Carvalho, 4; 6º, Pedro M. Martins, 2½; 7º, Henrique Gomes, 2½; 8º, Vídigal Teixeira, 2; 9º, Humberto Fonseca, 2.

Série B:

1º, Fernando Silva, 8; 2º, António Vilaça, 6½; 3º, Enes Baptista, 5; 4º, Ramiro Lopes, 4½; 5º, Fernando Cardoso, 4; 6º, Armando Moreira, 3; 7º, Raul Vicente, 3; 8º, Miguel Fonseca, 2; 9º, António Pina, 0.

Série C:

1º, António Rocha, 6½; 2º, Vítor Silva, 6½; 3º, Albano Ilharco, 4; 4º, Plácido de Sousa, 3½; 5º, Erse Alves, 3½; 6º, Marcelo Feio, 2; 7º, Virgílio Milhano, 1; 8º, Artur Torres, 1.

Programa da Direcção da A. X. P.

Divulgamos de seguida alguns extractos do programa da recentemente eleita Direcção da Associação de Xadrez do Porto. Trata-se, a nosso ver, de um importante documento, em que se define uma "orientação virada para o fomento da modalidade", que vem continuar a acção desenvolvida em 1975 pela A.X.P., de cuja Direcção faziam parte, aliás, dois dos elementos que compõem a actual.

O. INTRODUÇÃO

Creemos que é a primeira vez, tanto a nível associativo como federativo, que uma Direcção proposta vem apresentar um programa antes mesmo de ser feita a eleição respectiva.

O facto é que a antiga concepção de "Corpos Gerentes" levava a que fossem procurados "muitos nomes para encher a lista", chegando mesmo a assegurar-se às pessoas contactadas que "aquilo não daria trabalho nenhum". Julgamos que é altura de denunciarmos este facto, e declaramos que pretendemos ser eleitos só com o completo conhecimento dos clubes sobre a nossa posição política face à realidade desportiva. De outro modo, é andarmo-nos a enganar mais uma vez.

(...)

1. LIGAÇÃO A.X.P.-F.P.X. E A.X.P.-OU TRAS ASSOCIAÇÕES

Reputamos de essencial a intensificação de contactos aos níveis dirigente e competitivo entre as várias Associações regionais. Os objectivos principais a abranger com este convívio serão:

a) Atenuação e eliminação das "doentias" rivalidades regionais, evitadas de poderoso egoísmo, que sempre impediram a união dos praticantes e dirigentes em torno de um projecto comum de fomento e divulgação da modalidade.

b) Uma maior democratização da prática desportiva, no sentido de romper as barreiras que isolavam os polos onde o Xadrez era praticado, dando oportunidade a que seja oferecido, a cada região, um muito mais largo leque de possibilidades de encontro com adversários desconhecidos, acelerando ou activando assim o progresso em qualidade nas zonas praticamente estagnadas.

c) Como consequência do anterior, garantir deste modo que a aplicação do sistema de Classificação Pontual (Sistema Elo) seja efectuado em moldes correctos à escala nacional, com todos os benefícios daí resultantes.

(...)

É sabido que, durante o tempo do fascismo e ainda algum depois, se entendeu que as relações F.P.X.-Associação funcionariam num sentido de orientação cupulista. A isto cremos que nos devemos opor, pois as mais das vezes a prática mostrou que aparecia sempre uma Associação privilegiada. Esse privilégio nascia do facto de ela poder controlar a Direcção da F.P.X., não só devido à proximidade geográfica, mas também porque os próprios dirigentes federativos, só conhecendo a própria Associação (devido ao isolamento a que todas estavam votadas), já partiam de base com uma panorâmica deturpada do Xadrez Nacional e com uma planificação de estímulos que só ia beneficiar e aumentar a macrocefalia da Associação privilegiada.

Assim, defendemos a existência da Comissão Nacional para o Fomento do Xadrez, como órgão de intervenção associativa na vida federativa (...)

2. EXPANSÃO GEOGRÁFICA DA MODALIDADE

Uma acção divulgadora da modalidade só será efectiva se existir uma descentralização associativa, de tal sorte que todos os núcleos de praticantes se sintam próximos dos centros de decisão e sejam continuamente apoiados em razão das suas necessidades e do trabalho desenvolvido em prol do fomento.

Por este motivo, pretendemos dar continuação à política seguida na última época, que culminou com a "emancipação" da Associação de Xadrez de Braga, voltando-nos agora concretamente para leste e para sul.

A leste, existe há já muito tempo um embrião de Associação em Vila Real (...)

A sul, no distrito de Aveiro, praticamente até agora nada existe (...)

3. FOMENTO INTERNO

A nível interno, preocupa-nos não encontrarmos núcleos xadrezísticos a sul do rio Douro, quando se trata de uma zona altamente povoada, onde há várias associações recreativas e culturais, e portanto estão à partida

reunidas condições para o desabrochar da prática do xadrez.

Cremos que a preparação de animadores, efectuada em sucessivos cursos com a colaboração da D.G.D., poderá vir a ser o catalizador que porá em marcha todo um movimento de associatividade xadrezística. Para ministrar estes cursos, deverá a A.X.P. ter à sua disposição uma esclarecida equipa de prelectores (...)

Por outro lado, julgamos de interesse estabelecer contactos com a Federação Portuguesa das Associações de Cultura e Recreio, com vista a iniciar e estreitar uma colaboração que conduza à prática da modalidade nos núcleos seus filiados (...)

O fomento de xadrez nas escolas deve para com muitas dificuldades, inclusive de ordem burocrática, já que há organismos estatais que, teoricamente, disso se deveriam encarregar. Se bem que a acção da A.X.P., neste campo, tenha que ser limitada, pode ainda ser realizada por via indirecta, apoiando, por exemplo, animadores e colares que previamente tenha formado nos cursos respectivos.

Igualmente devemos procurar uma expansão no eixo Penafiel-Paços de Ferreira, onde há grandes hipóteses de rápido desenvolvimento (...)

4. INCENTIVOS À ACTIVIDADE

Julgamos ponto fundamental, na política desportiva que propomos, o "incentivo à actividade", isto é, o contínuo estimular da vida interna de cada núcleo já filiado.

Deste modo, os próprios núcleos serão centros de irradiação válidos e eficazes, e constituirão a primeira linha do ensino e expansão xadrezística.

Para atingir este objectivo, cremos necessário agir de acordo com as seguintes perspectivas:

a) Estimular a realização de torneios internos nos clubes, através da publicação de legislação associativa adequada (...)

b) Executar uma política de distri-

buição de material que respeite a proporcionalidade de actividade de cada clube, mas que tenha em conta igualmente os objectivos que o clube tem em vista.

c) Conceder subsídios adequados a todos os grupos que organizem sessões de fomento nas escolas, centros de trabalho, bairros, praias, simultâneas ao ar livre (ou não), ou outras realizações de igual intenção.

Como corolário da actividade nos clubes, torna-se necessário estabelecer uma programação da vida associativa, projectando a realização dos torneios distritais (e outros) em moldes que respondam às exigências dos jogadores e sirvam ao mesmo tempo de veículo de propaganda.

5. RELAÇÕES COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Enquanto nos meios de comunicação social o xadrez estiver votado ao ostracismo, não acreditamos ser possível uma grande expansão da modalidade. É por isso que nos propomos estudar processos para combater este estado de coisas, este antagonismo demonstrado, às vezes mais ou menos abertamente, por uma televisão, por uma rádio, pela maior parte dos jornais.

Esta luta passa pela aceitação, nas redacções dos periódicos, da existência de um redactor desportivo especializado em xadrez (...)

6. POLÍTICA GERAL E CONCLUSÃO

Em resumo, a orientação que pretendemos dar à política da A.X.P. é uma orientação virada para o fomento da modalidade, numa tentativa de colocar um pouco o desporto ao serviço do povo, com todas as limitações resultantes do facto de subsistirem, no aparelho de estado e na sociedade portuguesa, estruturas anquilosadas que dificultam qualquer movimentação neste sentido, e em muitas pessoas mentalidades cheias de reumático que procuram enferrujar as vontades mais decididas e para as quais (quem sabe?) os tempos da "outra senhora" ainda despertam saudades...

Coerentemente, seremos contra novas realizações do tipo "Torneio do Algarve", em que verbas enormes (ainda que não federativas) foram gastas para que uma dúzia de profissionais estrangeiros pudesse vir gozar o sol lusitano, deixando na sombra todos os portugueses mais uma vez (como é óbvio, para a expansão da modalidade nada se lucrou).

Coerentemente, seremos a favor do fabrico integralmente nacional de todo o material de jogo (peças, relógios, tabuleiros de mesa ou de parede, etc) e a favor da criação de uma literatura portuguesa da especialidade.

Coerentemente, apresentamos este programa à vossa consideração.

José Gomes, João Ambresen, Vladimiro Miranda, Rui Mendes, António Maia.

Xadrez por correspondência

Depois da época áurea do xadrez postal no nosso país, os anos de 1935/39 e de 1945/51 em que conquistámos, respectivamente, o 4º e 3º lugar na Olimpíada (Campeonato Mundial por Equipas), a modalidade entrou em decadência. Uma das principais causas desta deve-se não à organização, mas à falta de publicidade através dos meios de informação (fenómeno que, afinal, se regista com o xadrez em geral). Os interessados têm que, num espaço particular, procurar saber como podem dedicar-se ao jogo por correspondência. Se estivesse montada uma boa máquina informativa sabê-lo-iam logo e o número de praticantes seria largamente aumentado. Esperemos que num futuro breve isso venha a acontecer.

Este artigo, o primeiro de uma série que se deseja permanente, pretende renovar o interesse pelo xadrez por correspondência e a integração de Portugal, activamente, na I.C.C.F., através de uma representação que possa obter um resultado razoável, equiparável, pelo menos, aos obtidos na modalidade perante o tabuleiro,

onde já possuímos dois mestres internacionais.

Terá, porém o maior interesse oferecer uma perspectiva do xadrez por correspondência e, sobretudo, desmistificar algumas ideias que o subalternizam em relação à faceta mais corrente.

Para uma grande maioria de praticantes do xadrez frente ao tabuleiro, a modalidade postal surge como algo de inerte e aborrecido. Com efeito, quando se pensa que um torneio pode durar dois ou três anos, caso do Campeonato Mundial Individual, por exemplo, dir-se-ia que os detractores da modalidade têm razão.

Ao invés, porém, no xadrez por correspondência nós podemos distinguir um determinado número de características que o tornam não só emotivo, como extremamente útil.

Sob um ponto de vista pedagógico, esta modalidade permite a um praticante aprofundar o conhecimento das aberturas, por vezes até inová-las; compreender melhor as passagens da fase inicial da partida para o meio jogo e deste para o final. O sentido da posição, elemento básico na apreciação de uma partida, também pode ser apurado e melhorado pela prática do xadrez por correspondência.

Alekhine e Keres aconselhavam-no como forma de treino e aperfeiçoamento.

Sendo uma modalidade essencialmente estratégica, o xadrez postal pode por vezes enveredar pelo campo tático, criando obras-primas que em nada desmerecem das surgidas na luta frente ao tabuleiro. Sacrificar material num jogo em que o adversário dispõe de dez dias (tempo máximo para se decidir a aceitá-lo ou não) requer por parte de quem o faz uma análise muito profunda e um amplo sentido tático.

O jogador por correspondência é, por outro lado, um indivíduo com características bem definidas. Sedentário, preferindo a comodidade do seu gabinete onde, rodeado de livros, poderá ir compreendendo variantes de aberturas

com o desenrolar das suas próprias partidas. Preferindo este tipo de trabalho ao desconforto da deslocação para o clube, às vezes em noites de invernia. Certamente sensível ao ambiente tenso de uma sala de campeonato, embora seja, frequentemente, de igual tensão a disputa de uma prova por correspondência.

Será também um indivíduo inconformista, na medida em que não se quer sentir submetido aos calendários das provas frente ao tabuleiro, que o obrigam a jogar em ocasiões em que não sente qualquer disposição para o fazer.

No xadrez por correspondência ele tem sempre um tempo de tal forma alargado que lhe permite, se não lhe apetecer responder de imediato ao adversário, fazê-lo dentro do tal limite de dez dias já referido.

Oferece-se-lhe também, refiro-me em especial às competições internacionais, a possibilidade de contactar e até estabelecer amizade com jogadores de países muito afastados do seu.

Aquele que, para além do prazer de jogar, sente o desejo de promoção na modalidade tem provas que lhe garantem a ascensão gradual desde as categorias inferiores até aos escalões internacionais mais elevados.

Muitos dos grandes nomes do xadrez frente ao tabuleiro dedicaram-se ou dedicam-se com êxito igual às competições por correspondência. Para além dos já mencionados Alekhine e Keres e do ex-campeão mundial Mikhail Tahl, há, no entanto, os que se dedicam em exclusivo a esta faceta do nosso jogo e que são os seus grandes especialistas. Lembramos o campeão do mundo Hans Berliner (U.S. A.), que no campeonato de 1967 registou o sensacional score de doze vitórias e quatro empates em dezasseis partidas. De entre os que alcançaram o galardão principal no xadrez por correspondência, surgem os nomes de dois excelentes praticantes da modalidade sobre o tabuleiro, o australiano Purdy, campeão em 1947, e o soviético Ragozin, que venceu em 1957. O grande-mestre belga O'Kelly

de Galway, o terceiro campeão mundial (1961), é também um destacado jogador diante do tabuleiro.

Presentemente sente-se em Portugal um revigoração das estruturas xadrezísticas com um crescente interesse pelo jogo em ambas as suas variantes principais, frente ao tabuleiro e postal.

É meu desejo poder em breve passar a inserir nesta secção não só noticiário, como partidas e também, a médio prazo, organizar um torneio temático. Entretanto, aconselhamos os interessados no jogo por correspondência a dirigirem-se a Jorge Babo, Ginásio Figueirense (Secção de Xadrez por Correspondência da F.P.X.), Figueira da Foz. Aqui encontrarão torneios a nível nacional para todas as categorias, incluindo Campeonatos Nacionais e Taça de Portugal.

Ainda uma última ideia que deixo aos futuros praticantes. Quando se vive longe de algum local onde se jogue xadrez a sério e se deseja realmente progredir, a modalidade por correspondência é, por razões óbvias, de uma extrema utilidade.

D.L.M.

Torneios da F. P. X.

Se deseja praticar esta modalidade, poderá increver-se nos seguintes Torneios:

TORNEIOS PERMANENTES DE III DIVISÃO

Dão acesso à II Divisão. Os vencedores disputam o Campeonato Nacional da III Divisão.

TORNEIOS PERMANENTES DE II DIVISÃO

Dão acesso à I Divisão. Os vencedores disputam o Campeonato Nacional da II Divisão.

TORNEIOS PERMANENTES DE I DIVISÃO

Dão acesso ao Torneio Principal. Os vencedores disputam o Campeonato Nacional da I Divisão.

TORNEIO PRINCIPAL

Dão acesso ao Torneio de Mestres. O

vencedor obtém o título de Campeão da Categoria de Honra e o 2º classificado o de Vice-Campeão.

TORNEIO DE MESTRES

O vencedor obtém o título de Campeão Nacional de Xadrez por Correspondência e o 2º classificado o de Vice-Campeão Nacional.

TAÇA DE PORTUGAL

A realizar por séries de cinco jogadores (eliminatórias), seguidas de uma final. Aberta a todos os jogadores, sem distinção de categorias. A inscrição é feita todos os anos de 1 a 20 de Maio. Os vencedores das séries receberão medalhas e o vencedor da final uma Taça.

TORNEIOS INTERNACIONAIS

A inscrição em todos os Torneios internacionais será feita por intermédio do Ginásio Clube Figueirense.

III Taça Brasil

A III Taça Brasil, organizada pelo Clube de Xadrez Epistolar Brasileiro e em que poderão participar todos os xadrezistas sem distinção de categoria, jogar-se-á em três fases, cada uma com dezoito meses de duração. Os participantes serão emparelhados em grupos, de acordo com o número de inscritos, tendo os dois primeiros classificados de cada série o direito de intervir na fase seguinte.

As inscrições, cuja taxa é de 6 dólares para participação num grupo e mais 4 dólares para disputa de um segundo grupo, devem ser comunicadas, até 30 de Junho de 1976, para: Dr. Jorge Babo, Avenida Manuel Gaspar de Lemos, 13-2º Esq., Figueira da Foz.

Torneio Desporto Novo

O jornal Desporto Novo está a levar a efeito um torneio por correspondência, que conta já com várias dezenas de participantes.

Todas as informações relativas ao mesmo poderão ser colhidas naquele periódico da D.G.D.

A passagem

A. X. Setúbal

Realizou-se no dia 30 de Abril, na F.P.X., uma reunião de elementos federativos com representantes de vários Grupos do distrito de Setúbal com vista a estudar as possibilidades de constituição, a curto prazo, da Associação de Xadrez deste distrito.

Estiveram presentes delegados do Grupo Desportivo do Entrepósito Industrial de Automóveis, Incrível Almadaense, Quinas Clube de Desportos, Sociedade Filarmónica Agrícola Lavradiense e ainda dos núcleos de xadrez da Escola Emídio Navarro (Almada) e Liceus de Almada e Setúbal, e foi recebida uma carta do Núcleo de Xadrez de Santiago do Cacém, em que se manifestava a vontade de apoiar os esforços conducentes à constituição da A.X. Setúbal.

Depois de debatidos alguns aspectos de ordem geral e de focadas várias questões legais relativas à formação de Associações desportivas, nomeou-se uma comissão organizadora constituída por um representante de cada um dos quatro grupos que declararam pretender filiar-se imediatamente: Entrepósito, Incrível, Quinas e S.F. A.L.. A comissão organizadora, que procederá à elaboração de um projecto de Estatutos e convocará a Assembleia constituinte da Associação, é composta por Guilherme Quintanilha (Grupo Desportivo do Entrepósito Industrial de Automóveis, Estrada Vale da Rosa, Setúbal), Jorge Pereira de Carvalho (Rua Bernardo Francisco da Costa, 8-6º, Almada), Manuel Brito (Rua Miguel Pais, 82-1º Dtº, Barreiro) e Nicolau Baptista (Rua Carvalho Araújo, 20 r/c Dtº, Lavradio).

No que se refere à actividade da futura A.X. Setúbal, existe desde já a intenção de levar a efeito o Campeonato Distrital Individual a partir do próximo mês de Junho.

Assembleia Geral

Teve lugar em 8 de Maio a Assembleia Geral da F.P.X.

Depois da apreciação e votação dos relatórios e contas das últimas gerências, debateram-se e foram aprovadas várias alterações estatutárias, figurando entre as mais importantes a que permite às Associações de Desportos tornarem-se sócios da Federação, a que define que, em Assembleia Geral, cada sócio passa a dispor de um voto (o mesmo acontecendo ao conjunto dos grupos directamente filiados), a que alarga o número de membros da Direcção para sete e a que atribui funções deliberativas aos Conselhos Técnico e Jurisdicional.

Com vista ao preenchimento dos lugares vagos na Direcção foram eleitos Pedro Peixoto, Amadeu Solha dos Santos e Carlos Moysan.

Foi ainda nomeada, por proposta da Direcção, a Comissão de Classificação da F.P.X., que fica constituída por José Salgado, Vítor Silva e Albano Ilharco.

Dinamização no distrito de Lisboa

A Associação de Xadrez de Lisboa emitiu um comunicado que começa por referir o "direito dos cidadãos à cultura física e desporto, como meios de valorização humana" (Constituição da República Portuguesa) e lembra que "nos países progressivos o xadrez é ensinado e praticado, em larga escala, nas Escolas, nas Fábricas, nas Forças Armadas, nos Clubes, etc.", sendo as vantagens da sua prática regular "reconhecidas por pedagogos, psicólogos e homens de Desporto".

Depois de apontar que a "revolução político-social do 25 de Abril veio abrir novas perspectivas ao nosso Desporto, beneficiando igualmente o xadrez", nomeadamente ao nível do apoio que a D.G.D. tem dado à dinamização da modalidade, refere o comunicado que a A.X.L. põe graciosamente e dentro das suas possibilidades ao dispor das organizações inte

ressadas monitores para ensinar, jogos e tabuleiros, cursos especiais, etc.

Os contactos com a Associação (Rua da Sociedade Farmacêutica, 56-2º, Lisboa) podem ser feitos por escrito ou pessoalmente às terças e quintas-feiras das 20.30 às 22.00 horas. Para informações telefónicas (tels. 53 90 27/8) o mesmo horário.

Torneio do F. A. C.

Foi a seguinte a classificação do torneio interno levado a efeito pelo Famalicense Atlético Clube:

1º, Pedro Palhares, 14 pontos; 2º, Delfim Diniz, 13; 3º, Henrique Veloso, 11; 4º, Jorge Bastos, 9; 5º, Carlos Mesquita, 9; 6º, Camilo Veloso, 9; 7º, Guedes Pereira, 8; 8º, Mário Moreira, 7½; 9º, Maurício Neves, 6½; 10º, Gonçalo Melo, 5; 11º, Ave-lino Moreira, 4½; 12º, Joaquim Correia, 3; 13º, Fernando Macedo Sr., 2½; 14º, Fernando Macedo Jr., 2.

Encontro

Realizou-se no passado mês de Abril um encontro de xadrez entre o Liceu Nacional de Famalicão e a Escola Industrial e Comercial de Vila Nova de Famalicão. Resultado: 4-1 a favor do Liceu.

Figueira da Foz

Recebemos uma carta do Núcleo de Xadrez do Liceu da Figueira da Foz relatando as actividades daquele grupo até agora e referindo as próximas iniciativas.

A actividade do núcleo registou o seu início nos primeiros dias de Fevereiro com a publicação de um folheto de divulgação passado a "stencil". A partir dessa data passaram os jogadores do Liceu a poder dispor de uma sala de aula equipada com vinte jogos distribuídos pelo F.A.O. J. e algum material didáctico. No princípio de Abril foi publicado o segundo folheto de divulgação, e estão neste momento a ser programados

os próximos números.

O núcleo deu início, logo a seguir às férias da Páscoa, a um torneio aberto, no qual houve quase meia centena de inscrições, e cuja primeira fase decorre ainda.

A par de simultâneas e de um torneio por equipas que serão levados a efeito este ano, gostariam também os nossos amigos da Figueira da Foz de organizar convívios xadrezísticos com outros estabelecimentos de ensino. Aqui fica um apelo aos liceus e escolas interessados para que contactem directamente o Núcleo de Xadrez do Liceu Nacional da Figueira da Foz.

Simultânea

No âmbito de uma acção de sensibilização levada a cabo pela Delegação de Lisboa da D.G.D. no Mercado do Povo, em 9 de Maio, António Fernandes conduziu uma simultânea contra nove jogadores, tendo registado sete vitórias e dois empates com Carlos Moysan e Reinaldo Sabina.

Torneios anunciados

Rápidas em Coimbra

A Associação de Xadrez de Coimbra vai levar a efeito no sábado, 15 de Maio, no átrio das Piscinas Municipais, o III Campeonato Aberto de Coimbra de Partidas Rápidas.

Do programa constam duas provas, uma individual e outra por equipas, que se iniciarão às 15.30h e 21.30, respectivamente.

Campeonato Individual da A. X. Porto

Estão abertas até 21 de Maio as inscrições para a prova em epígrafe.

O Campeonato disputar-se-á em sistema suíço de onze jornadas, em sala e horário a indicar.

As inscrições só serão válidas se acompanhadas por ofício do clube que os jogadores actualmente representam, e após pagamento das taxas respectivas.

Recordamos que o vencedor desta prova terá direito a participar no Campeonato de Portugal da presente época.

24 Horas de Xadrez

Nos próximos dias 29 e 30 o Sport Lisboa e Benfica organiza, nos pavilhões do Estádio da Luz, as "24 Horas de Xadrez".

É o seguinte o programa desta competição, que se iniciará às 15.00h de sábado: durante as primeiras oito horas - torneio de partidas de quinze minutos; nas oito horas seguintes - torneio de partidas de dez minutos; nas últimas oito horas - torneio de rápidas de cinco minutos.

Paralelamente realizar-se-ão outras manifestações xadrezísticas, tais como simultâneas, torneios para jovens, ensino do jogo, etc.

As inscrições estão abertas na secretaria do S.L. Benfica e na A.X. Lisboa.

Partida comentada

PEDRO DAMIÃO DE ODEMIRA, UM TEÓRICO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI

Supomos justo que no primeiro número do nosso Boletim, embrião ainda de uma futura publicação mais ambiciosa, fassamos referência ao primeiro português que se celebrou tanto na

prática como na teoria do xadrez.

Pedro Damião, assim se chamou este modesto boticário de Odemira, que, desmentindo o carácter elitista atribuído ao nosso jogo, o revolucionou, contribuindo juntamente com o espanhol Lucena, que o precedeu, para a cientificação do xadrez.

Em 1512 publicou o "Libro de imparare giocare a scachi e de partiti", que conheceu sucessivas edições em 1515 e em 1567, em tradução inglesa com o título "The Pleasant and Wittie Playe of the Cheasts rensured with Instructions both to learn it easely and to play it well".

Como ainda há pouco foi salientado num vasto artigo publicado no "Schach Echo" (n.ºs 5, 6 e 7 de 1975) da autoria de F.C. Görschen, a modernização do xadrez acompanha a expansão geográfica europeia para a África e Ásia e América. Curiosamente portugueses e espanhóis desempenham papel preponderante em ambos os campos. O facto de o livro de Damião ser publicado em italiano reflecte, por sua vez, a manifesta influência que no século XVI o Renascimento, oriundo daquela região da Europa, começa a ter em Portugal, embora com algum atraso.

Segue-se uma partida relativamente recente em que são retomadas por dois jogadores nórdicos as antigas ideias de Damião. Em próxima ocasião procurarei apresentar outros exemplos extraídos da teoria exposta pelo boticário de Odemira.

Os comentários à partida que a seguir apresentamos foram traduzidos e adaptados da secção "Lerne Durch Kurzpartien" da revista "Schach-Echo" (n.º 16, 23 August 1965).

WESTMANN (Suéc) - HAVANSI (Finl) 1:0
Cracóvia, 1964 (Campeonato Mundial de Estudantes)
Gambito Damião

- | | | |
|----|--------|-------|
| 1. | e2-e4 | e7-e5 |
| 2. | Cg1-f3 | f7-f6 |

Este lance 2. ... f6, que remonta aos primórdios do xadrez tal como é hoje jogado, já foi analisado e con-

siderado insuficiente cerca de 1490 pelo autor do "Manuscrito de Gotting" pelo espanhol Lucena no seu livro "repetición de Amores e Arte de Axedrez" de 1497 e pelo nosso compatriota Pedro Damiano de Odemira na obra que publicou em 1512 sob o título "Questo libro e da imparare giocare a escachi".

Desta forma, regressamos, por um momento, às origens da teoria do moderno xadrez. Ainda hoje, mau grado a antiguidade desta variante, e usual explicá-la, bem como a sua refutação. Até por vezes, como é o caso, nos podemos atrever a utilizá-la, quando nada há a perder.

3. Cf3xe5

Mais forte que este lance seria o simples desenvolvimento 3. Bc4 ou 3. d4.

3. ... Dd8-e7

Outras variantes possíveis, já conhecidas nos longínquos tempos de Lucena e de Damiano, seriam:

a) 3. ... fxe5, 4. Dh5+ g6, 5. Dxe5+ seguido de Dxh8

b) 3. ... fxe5, 4. Dh5+ Re7, 5. Dxe5+ Rf7, 6. Bc4+ d5, 7. Bxd5+ Rg6, 8. h4! Bd6, 9. h5+ Rh6, 10. d4+ g5, 11. hxg6+e.p. Rxc6, 12. Dh5+ Rf6, 13. Df7++.

4. Ce5-f3 d7-d5

Se 4. ... Dxe4+ as brancas com 5. Be2 seguido de 0-0 e Tel obtinham um jogo muito favorável.

5. d2-d3 d5xe4
6. d3xe4 De7xe4+
7. Bf1-e2 Cb8-c6
8. 0-0 Bc8-d7
9. Cb1-c3 De4-e6

Na partida Schiffers-Tchigorin, disputada em S. Petersburgo em 1897, o mestre russo jogou 9. ... Dg6, registando-se um empate após trinta e quatro lances. Esta partida foi designada ironicamente pela "Comédia dos Erros". Num próximo artigo dedicado a Damiano de Odemira pensamos incluir-la. Desde já propomos a todos os nossos leitores que conheçam outros exemplos da utilização do Gambito Damiano para no-los enviarem.

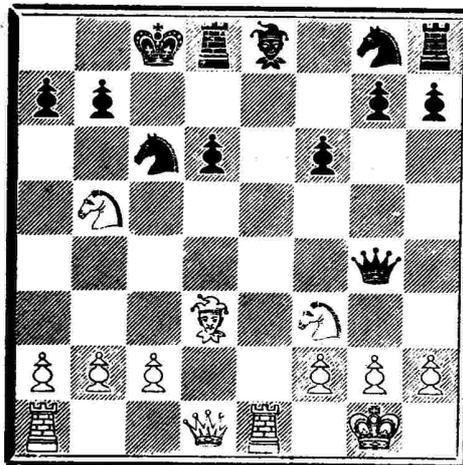
10. Bcl-f4!

Repare-se no melhor desenvolvimento das brancas. As negras estão com a sua ala de Rei praticamente imobilizada.

10. ... 0-0-0
11. Cc3-b5 Bd7-e8
12. Be2-d3 Bf8-d6
13. Tfl-e1 De6-g4

Com este lance as pretas perdem imediatamente. De qualquer forma, as alternativas não conduziam a nada de positivo. O triunfo das brancas estava decidido. Se, por exemplo, 13. ... Df7, 14. Bxd6 cxd6, 15. Bf5-Rb8, 16. Cxd6. Outra possibilidade seria 13. ... Dd7, 14. Bxd6 cxd6, 15. Cfd4.

14. Bf4xd6 c7xd6



15. Telxe8! Td8xe8
16. Bd3-f5+

As negras abandonam porque, sem apelo, perdem a Dama.

D.L.M.

Teste

BLACKBURNE - TARRASCH 0:1
Breslau, 1889
Defesa francesa

1. e2-e4 e7-e6
2. d2-d4 d7-d5
3. Cb1-c3 Cg8-f6

Antiga continuação que foi destro-

nada pelo lance 3. ... Bb4 sem que os motivos se justifiquem plenamente.

4. e4-e5 Cf6-d7
5. f2-f4 c7-c5

Contragolpe característico da defesa francesa.

6. d4xc5 Cd7xc5
7. Cg1-f3 Cb8-c6
8. Bf1-b5

Um erro estratégico grave. A troca em c6 fortalece o centro das negras e concede-lhes a vantagem do par de bispos.

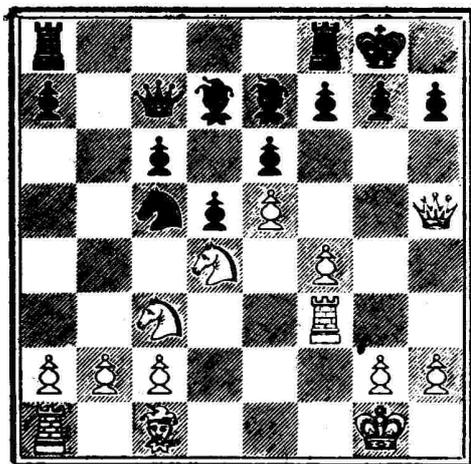
8. ... Bf8-e7
9. 0-0 0-0
10. Bb5xc6? b7xc6
11. Cf3-d4 Dd8-c7

Mais forte teria sido 11. ... Bd7, com a seguinte continuação: 12. Dh5 f6, 13. Tf3 De8, que daria às negras um final favorável.

12. Dd1-h5 Bc8-d7

Uma defesa ainda melhor seria, por exemplo, 12. ... Cd7, 13. Tf3 Td8, 14. Th3 Cf8.

13. Tf1-f3



13. ... g7-g6 (5 pontos)

Menos bom era o lance 13. ... f5 por causa de 14. Th3 h6, 15. Dg6 Be8, 16. Dg3 e as brancas ficariam em vantagem dada a ameaça 17. Txxh6.

14. Tf3-g3

Melhor do que 14. Dh6, porquanto com este lance as negras punham em defi-

nitivo termo ao ataque, jogando 15. ... Tf7.

14. ... Rg8-h8 (5 pontos)

Com 14. ... f5 - vale 2 pontos - as negras podiam aspirar ao empate. Às brancas, praticamente, nada mais restaria do que sacrificar a Torre em g6 para dar xeque perpétuo.

15. Dh5-h6

15. ... Tf8-g8 (5 pontos)

16. Bc1-e3

16. f5 exigia 16. ... gxf5. No caso de as negras jogarem aqui 16. ... exf5, as brancas teriam a seguinte variante, com sacrifício de Dama: 17. Dxxh7!! Rxxh7, 18. Th3+ Rg7, 19. Bh6+ Rh7 (ou h8) e mate a seguir.

16. ... Be7-f8 (5 pontos)

Menos adequado, ainda que possível, era 16. ... f5 - vale 2 pontos.

17. Dh6-h3

17. ... Cc5-b7 (5 pontos)

Incorrecto seria 17. ... Ce4 por causa de 18. Cxe4 dxe4, 19. Ce2 c5, 20. Cc3 Bc6, 21. Tel, com o que o peão de e4 estaria perdido (22. Bcl, 23. Tge3).

18. Cd4-f3

18. ... Tg8-g7 (2 pontos)

19. Tal-fl

Provavelmente 19. Tel seria melhor.

19. ... c6-c5 (3 pontos)

20. Be3-cl

20. ... Bd7-c6 (3 pontos)

21. Cc3-d1

21. ... Bf8-e7 (2 pontos)

Mais forte era 21. ... Dd8! - vale 6 pontos - e depois de 22. f5 continua-se com 22. ... gxf5! que poria fim ao ataque.

22. Cdl-e3

O lance mais forte seria 22. f5, depois do qual, todavia, se ofereciam boas perspectivas às negras com 22. ... exf5, 23. Bh6 Bd7, Depois do lance do texto as negras têm a tarefa facilitada.

22. ... d5-d4 (3 pontos)

23. Ce3-g4

23. ... Bc6-e4 (5 pontos)

Se as brancas tivessem jogado 19. Tel, teriam impossibilitado esta manobra. As negras restaria então a troca em f3, seguido de Dd8, o que era suficiente.

24. Cg4-f6 ●
24. ... Ce4-f5 (5 pontos)

Impossível seria 24. ... Bxf6 por causa de 25. exf6 Tg8, 26. Dxb7+ Rxh7, 27. Th3++.

25. Dh3-h6

Melhor era 25. Dh4, mau grado as negras com 25. ... Dd8, seguido de 26. ... Cd6, conseguirem vantagem. ●

25. ... Dc7-d8 (3 pontos)
26. Dh6-g5 ●
26. ... Cb7-d6 (5 pontos)

O momento culminante da defesa das negras.

27. e5xd6

Depois de 27. Tel, seguir-se-ia 27. ... Ce8; não convem agora 27. ... Ce4 por causa de 28. Txe4! Bxe4, 29. Th3 seguido de 30. Th6 e 31. Dh4. ●

27. ... Be7xf6 (2 pontos)
28. Dg5-h6 ●
28. ... Dd8xd6 (2 pontos)
29. Cf3-e5 ●
29. ... Bf6-e7 (5 pontos)

Errado seria 29. ... Bxe5, com o que as brancas empatariam por repetição de posições: 30. fxe5 Dxe5, 31. Bf4 Df6, 32. Bg5.

30. Tg3-a3 ●
30. ... f7-f6 (2 pontos)
31. Ce5-c4 ●
31. ... Dd6-d5 (3 pontos)
32. Cc4-d2 ●
32. ... Cf5xc2 (3 pontos)
33. g2-g4 ●
33. ... c5-c4 (4 pontos)
34. Ta3-g3 ●
34. ... Be7-c5 (4 pontos)
35. Cd2-f3 ●
35. ... Bc2-e4 (4 pontos)

Ameaça ganhar uma peça com 36. ... d3+, 37. Rh1 d2.

36. Rgl-g2 ●
36. ... Ta8-b8 (2 pontos)

Depois de 36. ... d3, seguir-se-ia 37. Bd2.

37. Rg2-h3 ●
37. ... Bc5-f8 (4 pontos)
38. Cf3-e1 ●
38. ... Tg7-f7 (3 pontos)
39. Dh6-h4 ●
39. ... g6-g5 (4 pontos)
40. f4xg5 ●
40. ... f6xg5 (2 pontos)

E as brancas abandonam alguns lances depois.

Depois de 40. ... f4xg5, a partida continuou com 41. Txf7 gxh4, 42. Tgl Bg6, 43. Tc7 Bd6, 44. Td7 Dc6, 45. Txa7 Bc5, 46. Ta5 Db6, 47. Ta4 Db5, 48. Bf4 Tf8, 49. Be5+ Rg8, 50. ab.

Classificação: 80-100 pontos, categoria de honra; 65-79, 1a. categoria; 50-64, 2a. categoria; 30-49, 3a. categoria.

Problemas

por R.C. NASCIMENTO
(correspondência para Av. Mouzinho de Albuquerque, 27-2º F, Lisboa-1)

Quanto mais se domina uma técnica, mais apto se está para apreciar a obra de Arte dela decorrente.

Compreender para gostar.

À reacção instintiva dos sentidos, à sensação confusa de se achar "bonito" ou mesmo "belo", junta-se a classificação consciente do valor da obra pelo pensamento, pela inteligência, pela razão crítica.

A composição de problemas de Xadrez subordina-se a regras mundialmente aceites e só o seu conhecimento aprofundado permite entrar no templo da sua Arte.

O leitor que habitualmente reproduza partidas de xadrez comentadas terá algumas vezes lido frases como: "Com este lance de problema salva-se a situação, etc."

Na verdade, é geralmente mais bela uma partida que contém um só que seja "lance de problema", porque este é sempre um movimento "único", de

marcado conteúdo tático ou estratégico ou de previsão subtil duma "realidade" futura, isto é, após vários outros lances. São, em suma, os lances de qualquer problema, movimentos resultantes da dinâmica da posição condicionados ao mate (ou à sua defesa) e devem ser analisados sob um ponto de vista técnico, porque só sabendo nós "ver", mostrarão eles o seu objectivo, tal como em Pintura cada mancha mostrará o seu significado, em Música cada acorde a sua tonalidade, em Arquitectura cada coluna a sua função, em Dança cada passo o seu encaimento.

Compreender o Problema para o amar, e depois retirar dele momentos de prazer espiritual que a Vida só avaramente concede através de contadas disciplinas.

Mas não é único propósito desta Secção divulgar e fazer compreender o Problema; queremos que os leitores participem activamente através de concursos de solução, e pela publicação de originais que os compositores portugueses lhe enviem; e fazemos um apelo aos consagrados para nos darem esta ajuda. Aos principiantes na composição ajudaremos nós pela crítica construtiva dos seus trabalhos.

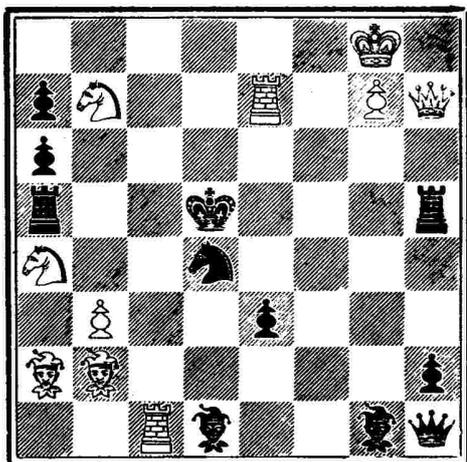
Publicaremos também nesta Secção ESTUDOS e FINAIS que são outros ramos da Arte do Xadrez, distintos dos Problemas mas não menos importantes do que eles.

E comecemos.

Nº 1

G. HEATHCOTE

1º Prémio, "Hampstead and Highgate Express", 1905



Mate em 2 lances

O problema nº 1 é um clássico da época romântica, que passaremos a analisar.

A chave 1. Tc1-c7 ameaça 2. Ca4-c3++

As pretas defendem-se jogando o seu C de d4, desobstruindo a respectiva casa.

Mas vejamos as variantes:

1. ... C-b5, 2. T-c5. O C preto interceptou a T de a5.

1. ... Cxb3, 2. D-d3. O C ficou pregado em b3.

1. ... C-c2, 2. b3-b4. Intercepção do Bdl.

1. ... C-e2, 2. Dxb5. Idem.

1. ... C-f3, 2. D-e4. Intercepção da Dh1.

1. ... C-f5, 2. T-e5. Intercepção da Th5.

1. ... C-e6, 2. Te7-d7. Auto-obstrução da casa e6.

1. ... C-c6, 2. Tc7-d7. Auto-obstrução da casa c6.

O cavalo preto executa, pois, todos os seus lances possíveis, conduzindo a oito mates diferentes. É o tema da "Roseta do Cavalo Preto".

Outras defesas possíveis, fora do tema, seriam: 1. ... T-c5 ou Txa4, mas evidentemente as brancas dariam mate com 2. Tc7-c5.

O problema é um "Tour de force", designação usada correntemente, embora também exista a inglesa "Task", a portuguesa "Cúmulo", etc.

"Tour de force" porque apresenta o máximo possível de lances do C.

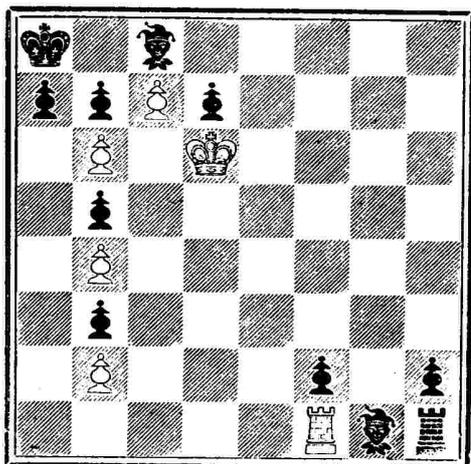
O Nº 2 é muito curioso pela manobra de vai-vem da T.

7 jogadas, é um problema longo.

Aparentemente, se as brancas jogam a T de f1 (única peça que poderá dar mate), as pretas libertam-se com f2-f1.

Mas eis a solução: chave 1. T-a1, ameaçando mate por Txa7; 1. ... a7-a6 2. Tal-f1 a6-a5, 3. T-a1 a5-a4, 4. T-f1 a4-a3, 5. T-a1 a3-a2, 6. T-f1 a2-a1, 7. Txa1++.

Nº 2
K. PILTZ
"Bremer Zeitung", 1938



Mate em 7 lances

Para finalizar, um problema mais sim
ples... mas a chave não é evidente.

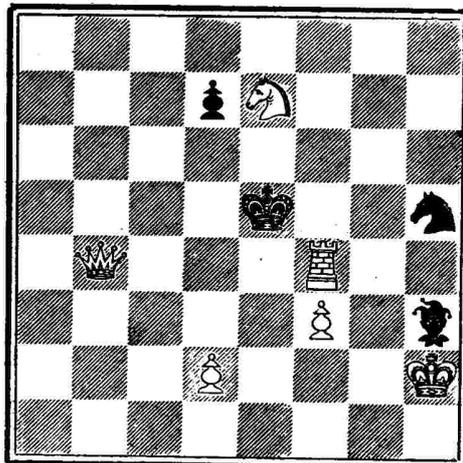
Pomos assim à prova a "força" dos
leitores.

Os que tentarem resolvê-lo poderão
enviar-nos só a chave ou a solução

completa e comentada.

Todos os que desejarem esclarecimen-
tos técnicos sobre a matéria desta
crónica igualmente se nos poderão di-
rigir.

Nº 3
R.C. NASCIMENTO
"Revista Portuguesa de Xa-
drez", Julho 1941



Mate em 2 lances

